

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

EDUARDO RAUPP

**“De Dentro Pra Fora”:
Memorial descritivo sobre o processo criativo do EP**

**PORTO ALEGRE
2021**

EDUARDO RAUPP

**“De Dentro Pra Fora”:
Memorial descritivo sobre o processo criativo do EP**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientador: Prof. Dr. Jean Presser

PORTO ALEGRE

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Raupp, Eduardo
De Dentro Pra Fora: Memorial descritivo sobre o
processo criativo do EP. / Eduardo Raupp. -- 2021.
24 f.
Orientador: Jean Presser.

Captura Retangular

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Produção Fonográfica. 2. Produção Musical. 3.
Música Eletrônica. 4. Processo Criativo. 5. Diário de
Composição. I. Presser, Jean, orient. II. Título.

Agradeço a todo o meu núcleo familiar, que sempre foi suporte. Em especial a minha mãe, Ana, que desde criança até hoje é meu principal exemplo de que vale a pena ir atrás dos meus sonhos.

Agradeço também ao meu orientador Jean Presser, que acolheu de forma sensível e tranquila o meu trabalho, e que desde o início da construção do projeto, me apoiou e me ouviu. Isso foi essencial para que eu me sentisse confortável de falar sobre coisas tão pessoais.

RESUMO

O presente memorial descritivo fala sobre a composição das seis músicas que formam o meu EP "De Dentro Pra Fora". Nele escrevo, de forma pessoal, sobre o processo criativo de cada música: o que me inspirou a produzi-las, a relação profissional e pessoal que tive com os artistas que participaram de algumas faixas e algumas curiosidades técnicas sobre como traduzi meus sentimentos em música. Escrever este memorial foi como escrever um diário, onde contei sobre questões emocionais e familiares que deram origem a reflexões que estão presentes na mensagem do EP. Depois de dois anos fazendo psicanálise, durante a pandemia do Covid-19, o EP e o memorial foram, além do meu trabalho de conclusão de curso, uma forma de contar sobre o processo de autoconhecimento que passei nesse período, além de expressar meus sentimentos em relação a ele.

Palavras-chave: Produção Fonográfica; Produção Musical; Música Eletrônica; Processo Criativo; Diário de Composição

ABSTRACT

This descriptive memorial talks about the composition of the six songs that make up my EP "De Dentro Pra Fora". I write, in a personal way, about the creative process of each song: what inspired me to produce them, the professional and personal relationship I had with the artists who participated in some tracks and some technical curiosities about how I translated my feelings into music. Writing this memorial was like writing a diary, where I talked about emotional and family issues that led to reflections that are present in the EP's message. After two years doing psychoanalysis, during the Covid-19 pandemic, the EP and the memorial were, besides my course conclusion work, a way to talk about the process of self-knowledge that I went through during this period, in addition to expressing my feelings in relation to it.

Keywords: Phonographic Production; Music Production; Electronic Music; Creative Process; Composition Diary

SUMÁRIO

DE DENTRO PRA FORA	6
JANELAS	8
SEMPRE JUNTO E NUNCA SÓ	10
DE DENTRO PRA FORA	12
MEXE	16
O PLANO É NÃO VOLTAR PRA CASA	18
DE FORA PRA DENTRO	21
MEUS PROCESSOS	22

DE DENTRO PRA FORA

Comecei a fazer psicanálise no início de 2020, poucos meses antes do início do isolamento social. Nesses aproximados 1 ano e meio de terapia, venho revisitando memórias e acontecimentos da minha infância e adolescência, na busca de entender um pouco mais das coisas que me fizeram eu. É intenso perceber que coisas que o Dudinha sentia lá atrás, ainda reverberam até o Duda de hoje.

Meus pais se separaram no início de 2007, eu tinha de 9 pra 10 anos. Quando aconteceu, de certa forma entendi que seria o melhor pra família. Juntando os relatos da minha mãe com memórias minhas, cheguei a conclusão que os 3 últimos anos de casamento dos meus pais foram bem caóticos. Eu tenho lembrança de ouvir eles brigando no quarto através das paredes, e eu chorar na minha cama até eles ouvirem, ou meu irmão ouvir e chamar a atenção deles. De certa forma, eu acho que sabia que esse choro era uma forma de intermediar aquele conflito. Era uma forma que eu encontrava de “ajudar” eles a pararem de brigar.

Infelizmente, nos anos seguintes da separação as brigas entre meus pais só se intensificaram, e se tornaram mais frequentes os desentendimentos entre meu irmão e eles também. O Nando, meu irmão mais velho, é ariano e coincidentemente ou não, sempre teve uma personalidade bem intensa. Nessa época ele tinha 15 anos, no auge da adolescência, e foi bem complexo pra ele entender a separação e lidar com ela. Ele tinha um jeito bem combativo. Ao mesmo tempo que todo esse contexto fez nossa relação se fortalecer, como irmãos que estavam passando pela

separação dos pais juntos, também me colocou novamente numa posição de intermediar muitos conflitos.

Desde a infância até minha adolescência, dentro das relações familiares em que eu vivia, fui tomando pra mim esse papel de “intermediador”. Criei quase uma fobia de brigas. Seja entre meus pais, entre meu irmão e meus pais, ou entre meu irmão e eu, sempre senti de fazer de tudo para evitar esses atritos. O problema é que isso significava deixar de impor minhas próprias vontades e valores, em diversos momentos. Recentemente venho tentando lidar com essa dificuldade de me expressar que desenvolvi, e tem sido bem libertador. Tenho descoberto o quão forte é sentir segurança sobre os próprios sentimentos e vontades, e ir atrás disso.

A partir dessas ganas que vem a ideia conceitual do EP “De Dentro Pra Fora”. Ele faz parte de um processo de auto descoberta em que eu me permito ser alguém que tem voz, e que tem algo a expressar.

Nos últimos quase 2 anos, desde a vinda da pandemia, vivo um processo de entender como eu me expresso mais sozinho, pessoal e musicalmente. Desde março de 2020, estou praticamente isolado dentro de meu ciclo familiar - morando com minha mãe, e convivendo com minha companheira e a família dela. Até poucos meses atrás eu não via amigos, meu pai, ou qualquer outro ser humano, a não ser através de telas. Junto da construção de uma maior intimidade dos poucos relacionamentos que eu tinha contato, senti uma necessidade de ter mais intimidade comigo mesmo também.

Antes da pandemia, meu fazer musical e meus processos criativos estavam diretamente ligados a compor e improvisar em grupo. Eu fazia parte de 3 bandas ativas na cena local da cidade, tinha pelo menos 3 ensaios por semana, fora os shows e aulas da faculdade. A partir do momento em que o isolamento social se tornou necessário, todos esses eventos pararam. Vendo a tela do computador como a única forma de criar e construir arranjos musicais maiores, resolvi explorar a produção musical mais a fundo.

Fazia alguns anos que eu queria muito adentrar o mundo da produção, mas não tirava tempo para isso. A partir daí, nos primeiros meses da pandemia, passei praticamente todos os dias criando músicas, estudando timbres, levadas de bateria, e botando em prática minha criatividade. Depois de já ter experimentado com algumas produções minhas e alguns trabalhos que surgiram, meu amigo Henrique (de nome artístico "*Dawmata*"), me convidou para participar do evento Beat Brasilis.

O evento consiste em um encontro de toda quarta-feira, em que um disco escolhido pela organização é postado às 14h, e quem quiser participar precisa fazer um *beat* utilizando algum *sample* desse álbum, e mandar até às 19h30. Às 20h30 tem uma video chamada no aplicativo *Zoom* para os participantes interagirem e ouvirem todas as músicas feitas. Passei a participar toda semana e simplesmente me apaixonei por *samplear*, fazer *beats* e tudo que se relaciona com essa parte da produção musical atual.

Sinto que não é coincidência que muitos desses momentos de autoconhecimento musical e pessoal vem acontecendo ao mesmo tempo. A música está presente em todos os lugares na minha vida, e faz parte de todos os meus movimentos. Eu durmo e acordo pensando em música, é meu trabalho e meu maior lazer. Estudo música, trabalho com música, me divirto fazendo e ouvindo música, e se pudesse respirar música, com certeza faria. A ideia de fazer um EP e tornar isso meu trabalho de conclusão de curso, veio naturalmente na medida em que fui sentindo a necessidade de expressar todos esses novos processos que estou vivendo. **De dentro pra fora** sai meus sentimentos e vivências, na forma de música.

JANELAS

Janelas foi a primeira composição que vai pro EP, e para mim, nada faz mais sentido do que falar dela primeiro. Foi lançada no dia 18 de junho de 2021 como single, e foi feita em conjunto com os artistas Fabriccio e Kamau. Esses nomes têm um peso pra mim. A sensação de fazer música com artistas que eu tenho uma admiração tão grande, tá vibrando em mim até agora. Não tem como falar de Janelas e não contar um pouco da minha relação com eles.

O Kamau, *rapper* paulista, me conheceu através do *Beat Brasilis*, no início da minha jornada na produção. Depois de uma das sessões, ele me chamou nas mensagens privadas do *Instagram* para dizer que tinha gostado muito do *beat* que eu tinha feito naquele dia. Isso me emocionou muito porque o Kamau é uma das maiores referências do rap nacional, e também uma grande influência para minha relação com a cultura *Hip Hop*. Ao decorrer dos dias, eu e Kamau construímos uma relação de amizade e de troca. Ele me apadrinhou e até hoje faz de tudo pra me apoiar e me colocar em contato com muita gente incrível.

Aí vem outra porta que o Kamau me ajudou a abrir: meu contato com o selo/produtora "Foco Na Missão". Logo no início da nossa relação, enviei alguns *beats* para ele, que logo encaminhou para outra figura importante nos meus movimentos musicais: o *rapper*, também paulista, Rashid. A partir daí entrei em contato com o Rashid, iniciamos algumas produções juntos e a conexão fluiu a ponto de eu ser o primeiro artista, além do próprio Rashid, a entrar na FNM, que até então era uma empresa criada para gerir apenas a carreira dele. Junto do selo, lancei meu primeiro EP, em março de 2021, e trabalho para lançar "De Dentro Pra Fora".

Através da Foco Na Missão, entrei em contato com o Fabriccio, já com a ideia do primeiro single. Eu escuto "Jungle", o primeiro álbum dele, desde que foi lançado em 2017. Esse disco foi uma grande referência musical para mim, sempre esteve entre meus álbuns favoritos. Isso já diz muito sobre o quão intenso, para mim, foi conhecer o cantor.

A ideia de Janelas veio de reflexões que venho tendo nos últimos anos, sobre minhas relações afetivas com homens. Observando as diferenças de como eu me relaciono com um homem, uma mulher, ou pessoa não binária, notei que em geral as minhas relações com homens são mais superficiais. Sempre tive muita admiração por homens, maior quantidade de ídolos homens (músicos, jogadores de futebol, exemplos paternos, etc.), mas ao mesmo tempo, maior dificuldade de demonstrar afeto para os homens à minha volta. O conceito do "macho" que não se abre, que é "forte" e não demonstra fraquezas, foi bem presente na minha criação, seja em casa ou nos ambientes escolares e sociais em geral. Com o tempo entendi que força não é evitar sentimentos ou não demonstrá-los, mas sim ter coragem para enfrentá-los e demonstrar vulnerabilidade.

Trouxe o assunto para o Fabriccio, o que motivou uma conversa bem aberta sobre nossa relação com os homens da vida de cada um. Junto do Kamau, decidimos tornar a música um espaço que iria proporcionar uma abertura para expressarmos nossos sentimentos entre nós. **"Janelas que se abrem num som"**. Fabriccio aproveitou o espaço para falar com seu falecido pai, e Kamau sobre reconciliação, o esforço para resolver os conflitos através do carinho e não guardar rancor. Cada um escreveu seu verso, Kamau também escreveu o refrão, e eu fiquei encarregado da produção e mixagem da faixa. Janelas foi um dos primeiros momentos em que me caiu a ficha de como a minha música pode ser um vetor para

que pessoas se expressem. Meus instrumentais são **Janelas** que se abrem para os sentimentos meus e de outras pessoas fluírem.

Musicalmente, eu tentei traduzir o que esse espaço, como essas "Janelas abertas" soavam na minha cabeça. Imaginava algo que soasse reflexivo e aéreo, mas ao mesmo tempo trazendo raízes do *rap* e *r&b*, referências que estão presentes na minha sonoridade como um todo, e que os dois artistas estão acostumados a criar em cima.

Para trazer a sonoridade "reflexiva e aérea", eu usei um sintetizador polifônico tocando ondas senoidais, que soam mais "aconchegantes" para meus ouvidos, tocando os acordes Dm7(9,11) e Bm7(9,11). Esses dois acordes não fazem parte do mesmo campo harmônico, porém ainda soam próximos, confortáveis de se ouvir juntos. A relação de um acorde indo para o outro, me remete a um ambiente de prática de meditação. Junto com mais camadas como arpegiadores, ruído branco, frases melódicas de guitarra, e tudo isso com efeitos de reverberação e *delay*, consegui criar o ambiente fluido e reflexivo que eu gostaria.

Na levada e nos timbres da bateria programada, foi onde busquei incorporar as referências do *rap* e do *R&B*. O bumbo sempre tocando no tempo 1 do compasso, e a caixa no tempo 2 e 4, junto com o suingue do chimbau, trazem quase que a necessidade de balançar a cabeça junto com o ritmo, sensação muito comum quando se trata das minhas referências dentro desses gêneros musicais. O bumbo tocar no tempo 1 do compasso, mas não tocar no tempo 3, faz com que a levada se encaixe no humor espacial da música, conseguindo causar a sensação de balanço sem trazer as reflexões pro chão.

SEMPRE JUNTO E NUNCA SÓ

Agora indo para o início do EP, que segue uma ordem cronológica "de dentro pra fora", vamos para a primeira faixa: **Sempre Junto e Nunca Só**. Aproveitando o título do EP, resolvi criar e organizar as músicas do projeto de uma forma que represente o processo de entender as coisas que existem dentro de mim, até aprender a expressá-las para o mundo, pra fora. A primeira música representa justamente isso, sentimentos, memórias e pessoas que habitam dentro de mim.

Começa com barulhos de água, que remetem a meu signo, peixes. Sendo peixes um signo aquático, quis citar a ligação forte que isso tem com meus sentimentos: o elemento água, num contexto astrológico, nos fala sobre emoção, sensibilidade e fantasia. A textura sonora das gotas de água e de água corrente, introduzem o que está por vir nessa música e em todo o EP: um pouco de mim.

Logo a introdução da música se desenvolve com um piano mergulhado em reverberação, como se estivesse debaixo da água, ou até dentro do meu corpo. Ele foi tocado pelo meu amigo João Santos, tecladista carioca bem familiarizado com as linguagens gospel e *R&B*. Não foi atoa que usei uma linha de piano gravada por ele. Eu senti que trazer harmonias características da música gospel, em um contexto de efeitos como reverberação e *time stretch*, traria a sensação de estar evocando algo espiritual, porém dentro do significado que eu trouxesse: meus próprios sentimentos e memórias que são mais importantes para mim. Usando o efeito de *time stretch*, deixei o piano de João em uma velocidade mais lenta, o que trouxe os movimentos de tensão e resolução da harmonia para um ambiente mais tranquilo, abrindo espaço para as falas que entram, e representando a paz que sinto quando escuto e relembro delas.

A voz da criança que fala por cima da harmonia, pertence a Maia, filha da minha namorada, que hoje tem 6 aninhos. São dois áudios que ela me mandou pelo *whatsapp*, em dois momentos diferentes. O segundo, em que ela fala que me ama, é muito especial pra mim pois além de eu sentir que foi uma expressão muito sincera de carinho, ela me mandou esse áudio com a intenção de me animar depois de um momento difícil que eu estava passando, que fui cortado de um projeto importante e fiquei um pouco abalado. Ela facilmente conseguiu.

Minha relação com a Maia tem sido, para mim, uma das maiores fontes de aprendizado dos últimos anos. Eu conheci a Macarena, minha namorada, em agosto de 2018. No mesmo dia já conheci a Mainha, que na época tinha 2 anos de idade, quase 3. Na medida em que minha relação com a Maca (apelido da Macarena) foi se construindo e desenvolvendo, minha relação com a Maia também foi, em paralelo. Uma grande questão para mim desde então, foi entender qual era o meu papel com ela. Convivendo com a Maia e sempre acompanhado por conversas com meu terapeuta, aos poucos fui entendendo e até hoje tento entender mais. A Maia é uma criança incrível, artística, extrovertida, muito engraçada e braba também. Por

muitos momentos sou alvo de boa parte da raiva que ela tem pra expressar, mas por muitos momentos sou alvo de muito amor vindo dela também.

A Maia é criada pela mãe e pelos avós, e tem um pai nada presente. Com o tempo fui conhecendo esse ambiente, me aproximando da Maia e logo percebi que ela poderia demonstrar dificuldade de construir confiança, além de sentir ciúmes da mãe dela também. Desde o início do meu relacionamento com a Maca sempre tive vontade de me aproximar da Maia e construir uma relação de carinho com ela, mas tentando ao máximo não criar expectativas em relação ao que isso iria representar nas nossas vidas. O tempo foi passando, fomos ganhando confiança um com o outro, ela foi notando que eu estava ali e que não ia abandonar ela, e nosso laço foi se fortalecendo. Hoje em dia, sinto que até a raiva que ela expressa em direção a mim, tem a ver com essa confiança que a gente construiu. Ela sabe que pode botar pra fora, mas que eu ainda vou estar ali no dia seguinte, como família.

"Família" tem sido uma palavra importante pra mim. Uma das maiores visões de todo meu processo de auto descoberta, tem sido entender o que ela significa na minha perspectiva. Na minha criação, essa palavra sempre foi muito forte. Minha mãe sempre me fala o quão a família é o mais importante das nossas vidas, porque "a maioria das pessoas são passageiras, mas a família fica". Passados desentendimentos, afastamentos e algumas reconciliações dentro da minha família, sempre refleti muito sobre essa frase. Eu sinto verdade nela, mas tem um significado um pouco mais amplo pra mim. Família é reciprocidade. É quem eu amo e quero perto de mim, mas que também me ama e me quer perto. É quem me escuta e me acolhe e vice versa, e pra mim isso não depende de ter o mesmo sangue, depende do carinho e da vontade.

Escolhi a voz da Maia para trazer isto sonoramente, mas ela representa cada pessoa que faz parte da família que eu escolho pra mim todos os dias, e que tem um lugarzinho dentro do meu coração, da minha cabeça e do meu todo. A música desenvolve isso passando por diferentes ritmos e texturas, mas sempre dentro. Traz a tona cada sentimento, memória e pessoa que fazem eu me sentir **Sempre Junto e Nunca Só.**

DE DENTRO PRA FORA

Não é atoa que esta faixa dá nome ao EP. **De Dentro Pra Fora** chega como a música que para mim, vibra todo o processo que me motivou a fazer desse projeto, o meu trabalho de conclusão de curso. Com participações de duas das pessoas mais especiais da minha vida - Kristal Werner, minha melhor amiga, e Maca Sol, minha namorada - compusemos esse som com a ideia de falarmos sobre nós. Sobre nossa união, sobre nosso amor, e representar cada momento que estávamos ali um para o outro, apoiando, amando, dando carinho e suporte durante esses últimos anos tão difíceis. Além disso, a faixa também representa a minha vontade de compartilhar meus processos emocionais, de sentir que tenho voz, mesmo através dos instrumentais. Apesar de a letra ter sido escrita pelas duas, eu sinto como se estivesse falando junto com elas, **de dentro pra fora**.

Conheci a Kristal quando entrei no curso de música popular, pois ela era minha colega desde o início. Conheci a Maca um ano depois, através de encontros musicais e familiares, pois ela era amiga da minha ex cunhada. Desde que conheci cada uma delas, nossas relações foram crescendo, a intimidade foi crescendo, até que hoje nós quatro, contando a Maia, nos consideramos família. Com a pandemia, nos aproximamos mais ainda. Ao não ver muitas outras pessoas, em função do isolamento social, criamos nossa “bolha de convívio” e continuamos nos encontrando. Nos últimos dois anos estávamos cada vez mais presentes um para o outro, fazendo música, convivendo, conversando, chorando e aconselhando. É impossível falar sobre uma música que fiz com elas, sem falar um pouco do quanto nossa relação significa para mim.

No primeiro momento que conheci a Krist, ela nem me notou (diz ela que nem lembra de me ver nos primeiros dias de aula). Na empolgação de início de curso, querendo conhecer todos colegas novos, eu e mais algumas pessoas passamos a “pilhar” (quase que insistir mesmo) a turma a se encontrar no Xirú, bar perto da UFRGS, depois das aulas. Na medida que esses encontros foram acontecendo, fui me aproximando da turma como um todo, inclusive da Kristal. Logo eu e ela percebemos que tínhamos gostos e referências musicais em comum, e isso nos aproximou. Nossa primeira junção musical foi quando ela me convidou para acompanhar ela, tocando violão, em uma audição regional do programa The Voice Brasil, que ela iria participar. Nos encontramos na minha casa para ensaiar poucas

vezes, mas já foi o suficiente pra sentir que precisávamos nos conhecer mais e fazer mais música juntas. Depois de nos apresentarmos na audição do programa, logo combinamos de tirar outras músicas para tocar, e nos apresentar nas festas de início de curso, na universidade. Os encontros foram se tornando mais frequentes e fomos nos aproximando, até que começamos a compor juntas, também, e criamos nosso projeto autoral, o duo chamado Akairú.

Desde então, eu e a Kristal construímos uma relação muito mais profunda do que apenas nosso fazer musical. Fomos nos dando conta de que tínhamos muito em comum. Conversando, descobrimos sobre pessoas em comum do nosso passado, sobre lugares que frequentávamos ao mesmo tempo, coisas parecidas que havíamos vivido, porém sem nunca termos nos visto, por mais improvável que isso fosse. Quase como se o universo conspirasse pra gente nos conhecer e nos conectar, ou como se a gente sempre estivesse ali um para o outro, e só faltava o momento certo para nos encontrarmos. Nós brincamos que quando esse encontro aconteceu, nós não nos conhecemos, mas nos reconhecemos. Hoje ela é como uma irmã pra mim. Uma pessoa que escolhi para minha família. A Krist é alguém que sinto que está e sempre vai estar aqui para mim, que posso contar com ela pra qualquer coisa que eu precisar, e vice versa.

Já a Maca, faz quatro anos que nos conhecemos e que estamos juntas como um casal. Por ela ser musicista e tocar com alguns artistas da cidade, e também por ser irmã do Federico Trindade, regente de um coro que eu cantava na época, já tinha ouvido falar muito dela. Já tinha visto ela em vídeos no *Youtube* cantando, e pelas redes sociais, mas nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente. Até que nos conhecemos no chá de fralda do meu sobrinho, filho da minha ex cunhada com meu irmão. A Maca era amiga da minha ex cunhada, então ela foi no chá, que aconteceu na minha casa. Eu cheguei atrasado no evento pois eu estava ensaiando com o UPA!, coro do Federico, então quando vi a Maca, já tínhamos assunto para conversar.

Em nosso primeiro contato, naquele dia, ela já sentiu a abertura de falar comigo sobre o relacionamento abusivo que tinha tido com o pai da Maia, e outras coisas profundas da vida dela. Acho que ali nós dois percebemos que alguma conexão poderia fluir entre nós, alguma intimidade maior poderia se construir. E naturalmente aconteceu. Depois daquele dia, passamos a conversar pelas redes sociais, depois a nos encontrarmos pessoalmente, até que, em um desses

encontros, nos beijamos. E aí tudo aconteceu. Nos aproximamos rapidamente e com o tempo decidimos namorar. De lá pra cá, cada vez mais eu noto o quão importante ela é para mim, e eu para ela, e nossa relação segue se fortalecendo.

A Maca é a pessoa que tenho vontade de contar tudo. É minha parceira de vida. Se eu passo por um momento bom, quero compartilhar com ela. Se eu passo por um momento ruim, busco o colo dela. E sinto que tudo é muito recíproco. Agora mesmo enquanto escrevia isso, liguei o abajur de luz amarela do hotel em que estou, e tive que mandar um áudio pra ela sobre, porque ela adora quando o lugar tem abajures de luz amarela, por exemplo hehe.

Tanto a Maca quanto a Kristal fazem parte, diretamente, de todo o processo de autoconhecimento que venho passando, e que me inspirou a compor este EP. O nome "**De Dentro Pra Fora**" foi ideia da Maca, inclusive, que ela me sugeriu depois de conversarmos sobre minhas ideias para o trabalho. É muito bom me sentir ouvido, e o acolhimento que elas me dão em cada processo que eu passo, e cada conversa que tenho com elas a partir disso, é muito importante para mim.

A música surge da nossa união e do carinho que temos um pelo outro. A partir desses momentos de troca que temos constantemente. Queríamos fazer uma música que, ao mesmo tempo, trouxesse um pouco de cada um de nós, expressasse também o que sentimos um pelo outro. Dentro do caos, nos fortalecemos. Dentro da leveza, compartilhamos amor e risadas.

**"Ver teu sorriso lava minha alma,
Posso sentir de dentro pra fora
Sinto que a vida corre mais calma,
Posso sentir de dentro pra fora"**

Verso da Kristal Werner, na música "De Dentro Pra Fora"

Quando começamos a pensar, em conjunto, em como poderia ser o arranjo da música, a primeira conclusão é que teria que soar "emocionante". Algo que musicalmente convidaria os ouvintes para se sentirem conectados com a mensagem de amor da música. Nós três estávamos juntos na casa da praia da família da Kristal, e lá me senti muito inspirado para começar a trabalhar no instrumental, antes de termos qualquer ideia de letra. Iniciei com o arranjo de sopros que começa a

música, pensando em fazer algo que, ao mesmo tempo que se encaixasse na linguagem do *R&B* e *Neo Soul*, trouxesse a emoção que queríamos para o som. Utilizei *clusters* para formar os acordes, distribuindo as notas de forma que criasse intervalos pequenos entre elas, como de segundas maiores e menores, por exemplo, para se aproximar da referência do *Neo Soul*, onde isso é comum e traz uma sonoridade que me agrada muito. Outra coisa interessante sobre a harmonia, é que a progressão de acordes do início sempre acaba no Eb maior, que logo "resolve" para o Eb menor, que é a tonalidade da música. Quando surge o Eb maior no final da progressão de acordes, que até então ficava dentro do campo harmônico de Eb menor, gera uma surpresa gostosa de ouvir. O som abre e voa, tenho a sensação de que os acordes te levam a subir aos céus, o que soma na muito na emoção da música.

Os elementos eletrônicos do arranjo, como a bateria e percussões programadas, sintetizadores digitais e instrumentos virtuais de teclado, se misturam com a estética mais orgânica do arranjo de sopros, gravados pelo multi instrumentista Gian Becker, e trazem uma dimensão grandiosa para a música. Tentei trazer um arranjo que somasse bastante camadas, como no refrão, que além da bateria e percussões possui três camadas de sintetizadores, baixo também sintetizado, o arranjo de sopros e mais várias camadas de vozes. Para mim, isso ajuda a construir a sonoridade imersiva e emocionante que queríamos para a música.

MEXE

A música **Mexe** fala sobre expressão corporal. Representa a ideia de que o corpo também é um vetor para expressar sentimentos e energia. Seja através da dança, do sexo, e até em cada movimento ou gesto na comunicação. Cada pessoa tem sua forma de se mexer, de levantar os braços, caminhar, pular, tudo. Mas eu sinto que sempre foi normal ter inseguranças em relação a como o meu "mexer" aparece para o mundo.

No contexto em que eu cresci e fui criado, numa família branca e heteronormativa de classe média, colégio particular e universidade federal, a aparência das pessoas sempre foi algo que parece prioritário. Aprendi a julgar aos

outros e ser julgado pela aparência física e pela forma de se mexer. Sempre tive uma preocupação em relação a como eu me apresentava nesse sentido, como era meu cabelo, se tinha muitas ou poucas espinhas, com a roupa que eu vestia - muitas vezes deixando de expressar minha personalidade para me encaixar em padrões que eu via ao meu redor. No colégio, muitas vezes eu via a aparência ser algo decisivo em alguém ser acolhido ou não pela turma. Em festas, eu via a forma de dançar ser algo decisivo para alguém ser "bem visto" ou não pelas pessoas.

Como menino, e observando os homens ao meu redor, eu aprendi que quanto menos eu me mexia, melhor era. Se fosse me mexer era pra jogar futebol, fazer esportes no geral, mas dançar? Falar gesticulando? Que vergonha. Isso foi se construindo aos poucos na minha personalidade através desses padrões, e cada vez se consolidando mais. Tenho muitas lembranças de ser reprimido por exemplos masculinos em casa e na escola, durante minha infância e adolescência, em relação aos meus movimentos. Moldado pelo discurso de que gesticular e dançar livremente eram coisas de "mulheres e gays" - ainda de forma pejorativa, como se ser mulher ou ser gay fossem coisas ruins. Automaticamente isso vai se fixando na cabeça: quanto mais eu parecer o padrão de homem que quase não se mexe, melhor é.

Quando me formei no ensino médio e fui atrás da música como algo que eu levaria pra vida, passei a conhecer e conviver com pessoas que tinham mais a ver comigo, e falavam mais sobre desconstruir esses estereótipos. O processo de me tornar adulto também tem sido muito sobre reconhecer e me apropriar dos meus próprios valores em relação a isso. Conhecer meu corpo, tentar imaginar como que eu seria e me movimentaria se deixasse os valores antigos de lado. Tentar, cada vez menos, ceder a essas repressões sociais. Venho descobrindo que meu corpo é uma das maiores formas de expressar quem eu sou. Através dele posso explorar minha sexualidade, o prazer, posso curtir e expressar emoções boas e ruins, pular, dançar livremente quando sinto, e abraçar cada detalhezinho desajeitado que tenho por nunca ter me sentido confortável com ele antes. Esse processo pra mim ainda é difícil, ainda falho muito, julgo aos outros e a mim mesmo, mas sinto que cada vez menos. Mas é isso, pelo menos a gente se **mexe**.

Eu vejo essa faixa como uma das 3 músicas instrumentais do EP. Ela possui *samples* de voz, mas que uso mais como ferramentas de prender a atenção e motivar as pessoas a se mexerem, como um instrumento a mais, do que como linhas vocais no formato que trouxe em Janelas, De Dentro Pra Fora e O Plano É

Não Voltar Pra Casa, por exemplo, que são canções. Para mim ela é uma música que além de representar a expressão corporal dentro do EP, ela motiva os ouvintes a se mexerem.

Musicalmente, quis trazer um ambiente sonoro em que o ouvinte poderia focar em dançar e se mexer, ao invés de nas texturas ou variações harmônicas. Por isso mantive a estrutura da música simples. Ela possui, basicamente, 3 partes diferentes: parte A, B e C. Sendo a estrutura: A B A C B - onde a parte A constrói para cair na parte B, e a parte C trás uma variação antes de repetir a segunda parte B. Para isso utilizei de uma ferramenta de composição simples: a parte A e a parte B possuem material melódico muito parecido, mas mudam de timbres para se diferenciar na intensidade de energia. O início tem a sensação de ir crescendo até "estourar" na parte B, daí esse processo se repete. Em comparação com as outras músicas do EP, principalmente as instrumentais, Mexe me passa a impressão de ser mais "quadrada", com repetições mais previsíveis em relação ao que estou acostumado a ouvir na música pop.

Outra coisa que pensei objetivamente para dar esse foco para a música, foi os ritmos que trouxe. Em sua maioria, o *beat* é inspirado no *trap*, subgênero do rap que vem dos Estados Unidos, porém é muito utilizado no rap e na música pop em muitos lugares do mundo. O ritmo dos *beats* de *trap* em parte são caracterizados pelo chimal marcado nas semicolcheias e o 808* pesado e marcante junto com o bumbo. É um ritmo que chama para dançar. Em **Mexe**, me inspirei no *trap*, porém usei timbres não convencionais, como instrumentos de percussão e sons que me remetem a algo mais caseiro. Gravei o som de talheres, papéis, estalos de dedo e palitos de madeira para montar a bateria, e trazer a música para um ambiente não só de festa, mas também para o imaginário do meu quarto, onde sinto que é onde posso me mexer mais livremente.

*808 é um tipo de percussão eletrônica, também usada como timbre de baixo, caracterizada por um sub grave forte. Geralmente sintetizo meus próprios 808's usando uma onda senoidal saturada, com ataque rápido, sustain no zero e decay a gosto.

O PLANO É NÃO VOLTAR PRA CASA

Assim chegamos na parte de "fora" do EP. Depois da transição que a música Mexe marcou, de algo mais reflexivo para algo mais dançante e extrovertido, **O**

Plano É Não Voltar Pra Casa chega como a faixa que marca esta outra metade do projeto. Depois de passar por um ambiente mais reflexivo e introspectivo, nas três primeiras faixas, o EP se encaminha de "dentro pra fora", chegando num ambiente mais extrovertido e "pra cima", nas duas últimas.

Já lançada como single no dia 18 de fevereiro de 2022, a faixa conta com participações do *rapper* paulista NiLL, e da *rapper* gaúcha Cristal. A conexão entre eu e esses dois artistas se criou através do meu contato com a Foco Na Missão. Junto à FNM, criei o planejamento de lançar alguns singles para projetar meu nome no mercado. Após lançar Janelas no ano passado (2021), começamos a pensar no próximo lançamento. A ideia de convidar NiLL e Cristal chegou e o Rashid me ajudou a fazer o primeiro contato com eles, convidando-os a fazer um single comigo e logo eles toparam.

Para falar do processo criativo dessa faixa, preciso falar do Clube da Costura. É um evento que organizo junto de mais artistas e *beatmakers*, bem semelhante ao Beat Brasilis, que citei quando falava sobre Janelas. Começamos a nos encontrar virtualmente em 2020, com o intuito de exercitar, explorar e enaltecer a cultura do *sample* e *beatmaking*. O evento acontece semanalmente de domingo pra segunda, da seguinte maneira: domingo a noite, um disco é sorteado de dentro de um balaio de indicações dos próprios participantes, e todo mundo tem até as 19h30 de segunda feira para enviar uma peça musical de até dois minutos de duração, que tenha sido criada com algum *sample* do disco sorteado - então nos encontramos às 20h30, em um aplicativo de vídeo chamadas para ouvir as criações de todes.

O Clube tem sido uma das minhas maiores fontes de inspiração para produzir desde que ele começou, em meio a pandemia. Gosto muito do exercício de ter um tempo limitado para produzir e o desafio de ter que criar algo a partir de um álbum pré escolhido. Sinto que nesse contexto podem sair as criações mais inesperadas de mim, *beats* que soam diferente do que soariam num contexto normal de produção. Numa das edições, saiu a ideia pro instrumental de **O Plano É Não Voltar Pra Casa**, uma das minhas produções que mais tenho orgulho de como soa.

Eu tenho o costume de ouvir as músicas do NiLL e da Cristal já faz um tempo. Desde que os conheço, já tinha uma admiração gigante pelos trabalhos deles. Conheci o NiLL com o seu álbum "Lógos", de 2019, em que não só como *rapper* mas também como produtor, ele traz uma sonoridade muito nova para a cena do rap brasileiro, na minha visão. Logo que ouvi, me identifiquei com timbres e referências

que ele traz no disco, principalmente nos acordes de sintetizador e nas levadas de *house*, numa estética que lembra o Kaytranada, produtor estadunidense que também me inspiro muito. A forma como NiLL escreve com uma linguagem bem cotidiana, e encaixa isso em produções incríveis que, geralmente, ele mesmo faz, me pega muito.

Conheci o trabalho da Cristal pelas redes sociais. Como ela é de Porto Alegre, mesma cidade que eu, é normal seguirmos pessoas em comum, e aparecer o conteúdo dela para mim no Instagram. Acompanho suas músicas desde alguns singles que ela lançou em 2019, e quando ela lançou a faixa "Ashley Banks", aquilo me marcou muito. A música repercutiu muito na cena nacional e a Cristal foi se consolidando como uma artista muito influente aqui no sul. A mistura do canto com o rap, seu *flow* diferenciado nas rimas, e as letras de suas músicas sempre me chamam muita atenção, e é muito bom de ouvir.

Quando fiz o *beat* que iria se tornar **O Plano É Não Voltar Pra Casa**, logo veio na minha cabeça a possível junção do NiLL com a Cristal em uma música. O instrumental vai de uma levada dançante inspirada no *house*, e vira para uma levada mais lenta, com acordes na linguagem do *R&B*, que poderiam abrir espaço para rimas num *flow* bem diferente. Quando entrei em contato com os dois, criamos um grupo no *whatsapp* para eu enviar algumas ideias de instrumental. Entre umas 5 ou 6 ideias, estava essa que ficou. Eu lembro de mandar todos os *beats* já torcendo: "se escolherem essa aqui vai ser perfeito!". Acho que era pra ser, pois logo no momento que os dois tinham ouvido todas as ideias, concordaram que tinha que ser essa, sem eu falar nada sobre.

Logo decidiram que o NiLL ia escrever na parte A, na levada inspirada no *house*, e a Cristal na parte B, na parte mais *R&B*. O processo de criação com eles sempre foi muito tranquilo. Os dois se mostraram pessoas super acessíveis e divertidas. Conversando, concordamos que a ideia do instrumental remetia a algo bem "pra cima", com animação e otimismo. Como se a gente pudesse botar a música nos fones quando começa o dia, indo para o trabalho, e pensasse: "esse é o meu dia, bora com tudo".

NiLL começou criando sua parte e mandando áudios cantando em cima do *beat*, para irmos opinando, mas logo na primeira tentativa ele surgiu com o verso inteiro que ficaria na versão final da faixa. A letra sobre compartilhar momentos com seu par romântico, curtir a noite de sexta feira no parque olhando as estrelas, sem

nenhum plano de voltar pra casa. Eu e Cristal nos encontramos em estúdio para gravar suas partes da música pessoalmente, e eu não tinha ouvido ainda a letra que ela tinha escrito para o som. Ela foi me mostrando as ideias que tinha tido e criando várias ideias na hora também, com muita facilidade de escrever e improvisar. Juntos, sentimos que a frase que NiLL usou para terminar seu verso, "o plano é não voltar pra casa", marca muito a energia da música, e Cristal quis continuar a partir dela. Assim fizemos a transição da parte A para B, que é onde a Cristal entraria com o verso. Depois de enfatizar essa frase algumas vezes, ela entra com sua parte junto da virada do *beat*, e fala como se fosse a outra pessoa do par, no parque debaixo das estrelas.

Para mim, **O Plano É Não Voltar Pra Casa** entra no EP como a faixa que marca a parte de fora, da ordem cronológica "de dentro pra fora" que estou propondo. Ela trás a perspectiva de, agora que estou botando sentimentos pra fora, aprendendo a me expressar melhor, também me abro para novos rolês e para me conectar com outras pessoas romanticamente, novas amizades, novas experiências. Ela traz também o contraste interessante entre dentro e fora de casa. Depois de dois anos em isolamento social, sendo minha casa meu lugar seguro, falar sobre "não voltar pra casa" e viver experiências do lado de fora, significa muito.

DE FORA PRA DENTRO

A última música do EP chega como um final de ciclo, mas abrindo espaço para a ideia de infinito. **De Fora Pra Dentro** finaliza o EP com a energia de animação e curtição, somando a ideia de abertura que traz **O Plano É Não Voltar Pra Casa**. Agora o que eu vivo **fora**, eu guardo **dentro** de mim. Cada pessoa e cada vivência que cruza minha caminhada, cada sentimento, se torna algo que me molda por dentro, junto de tudo que já havia lá.

Eu quis terminar o trabalho com uma ideia circular, pois eu acredito que sou formado pelo que tem dentro e fora de mim. Cada memória, valor, emoção e crença que já tenho dentro, influencia em como eu experiencio as coisas de fora. Cada coisa que eu vivencio fora, vai me mudando e amadurecendo por dentro. A ideia de "vice e versa" que isso traz não podia ficar de fora do EP. Expressar não é só falar mas também é ouvir, não é só agir mas também parar e pensar.

Ao mesmo tempo, **De Fora Pra Dentro** fecha a linha cronológica "de dentro pra fora" do EP. Ele termina pra fora, com a energia alta. Utilizei um *sample* de voz para dar origem a melodia principal da música, que é um dos principais elementos que traz essa sensação. O coro de vozes cantando me remete a um grupo de amigos cantando na rua, ou em algum bar. Cantarolando o "la laia laia laia" como se estivessem comemorando alguma coisa, ou simplesmente expressando a felicidade de estarem juntos. O coro original tinha uma sonoridade que vinha da mpb, do samba. A levada da bateria e do baixo, em conjunto com a rearmonização que fiz, trouxe a sonoridade da faixa para perto do *Neo Soul* e *R&B*, o que conversa com o resto do EP.

O instrumental também é derivado da minha participação de uma das edições do Clube da Costura, em 2021. Foi a vigésima quarta sessão do Clube, que hoje já chega a mais de 70 edições. Essa faixa não foi feita diretamente com a visão de ser parte do EP, mas sempre guardei ela com carinho, esperando que um dia eu fosse usá-la para algo importante. Desde que criei esse *beat*, ele é uma das minhas produções favoritas. Agora com a criação do EP "De Dentro Pra Fora", direto pensei nele para ser a faixa de fechamento. Sinto que além de ser uma boa conclusão para o lado musical e conceitual do EP, ele também traz a sensação de "quero mais" para quem ouve. Terminando em *fade out*, o EP chega ao fim, abrindo espaço para mais trabalhos e coisas a serem expressadas no futuro.

EP 'De Dentro Pra Fora' - Duda Raupp

- 1. Sempre Junto e Nunca Só**
o que flui dentro de mim
- 2. Janelas (part. Fabriccio & Kamau)**
minha música abre espaço para expressar emoções
- 3. De Dentro Pra Fora (part. Kristal Werner & Maca Sol)**
família e amor
- 4. Mexe**
meu corpo como forma de expressão
- 5. O Plano É Não Voltar Pra Casa (part. NiLL & Cristal)**
vivendo o lado de fora
- 6. De Fora Pra Dentro**
o que eu vivo fora, eu guardo dentro

MEUS PROCESSOS

Escrever esse trabalho de conclusão de curso foi uma experiência de vida para mim. Não só uma experiência acadêmica, eu quero dizer, mas uma experiência de autoconhecimento. Falei abertamente sobre meus sentimentos, sobre coisas profundas em relação a mim mesmo, que pouca gente teve a oportunidade de ouvir. Acredito que escrevê-lo também faz parte do meu processo de terapia, cada palavra que escrevo aqui, sinto conhecer um pouco mais de mim.

A dimensão do que tem dentro de mim e do que eu posso expressar pra fora, emocional e musicalmente, é imensurável. Por muitos momentos, enquanto escrevia esse memorial, me senti ansioso. Ansioso de pensar que eu poderia estar expondo demais a mim mesmo, a minha família. Ansioso de pensar que eu poderia estar me expressando muito pouco, que deveria ir mais a fundo. Chegando ao fim, acredito que não poderia ter feito mais, nem menos do que isso. Falar sobre mim é sobre momento, sobre reconhecer minha ambição e meus limites. Entender que meu processo de auto descoberta também é sobre conhecer o meu ritmo, dar carinho e compreensão a mim mesmo, e respeitar o que eu estou pronto a experimentar ou não.

A música sempre fez parte da minha vida. Seja cantando no karaokê com a minha família quando eu era criança, seja tocando violão e cantando com meu irmão, no quarto dele, durante minha adolescência, ou seja agora, tentando transformar ela em um sustento financeiro e uma carreira. Meus momentos mais tristes foram acompanhados de músicas, os mais felizes e emocionantes também. Sinto que em cada partícula do meu ser, existe música. Vibra música. Agora, sou grato pela oportunidade de, **de dentro pra fora** de mim, estar mostrando e expressando a minha música para o mundo.